1946

O 25 DE Abril, revisitado

Maria de Lourdes Netto Simões*

Se não vigiarmos a vida eles escreverão a história
e o futuro poderá neles acreditar.
Ainda bem que existe o artista que canta o povo:
suas dores e suas alegrias
seus temores e sua fé.

José Delmo (poeta brasileiro)

Maria de Lourdes Netto Simões**

Se não vigiarmos a vida eles escreverão a história
e o futuro poderá neles acreditar.
Ainda bem que existe o artista que canta o povo:
suas dores e suas alegrias
seus temores e sua fé.
José Delmo (poeta brasileiro)

Lá se vão 25 anos da manhã em que Portugal acordou ao som do poema-canção de Zeca Afonso: *Grândola , Vila Morena.* Os vinte e cinco anos do *25 de Abril* são dos portugueses e de todos aqueles que, de uma forma ou outra, tiveram as suas vidas alteradas pela Revolução.

Revolução. O processo que teve início nos anos sessenta (com as conturbações provocadas pela guerra colonial, pelo movimento estudantil, pelas questões agrárias, problemas com a censura, a repressão, a condição das mulheres na sociedade), alcançou o seu momento de eclosão na revolução dos Cravos (dos Capitães de Abril), que neste ano se comemora. Caminhou, a seguir, num processo de repercussão e desdobramentos[1].

O 25 de Abril de 1974, assim, é aqui entendido como a data marco da libertação da ditadura que submeteu Portugal e suas colônias por 46 anos. Data que assinala a ação dos Capitães, quando as pressões exteriores relacionadas com a resistência dos movimentos nacionalistas das colônias africanas desgastaram o governo; quando esses capitães intensificaram o movimento de insatisfação nas Forças Armadas e entenderam que o tempo dos dogmas estava ultrapassado, fazendo acontecer a chamada revolução dos Cravos.

Que repercussões ocorreram desde então? Que ganhos houve e que marcas deixou o

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO 25 DE ABRIL
N 10350
323.2(469)«1974/1975»

25 de Abril? Justifica-se o processo revolucionário se considerarmos as interrogações e as problematizações impostas pelo presente? Essas são perguntas que se fazem. Mas, para efeito do que aqui pretendo, somente questiono **por que escrever sobre o assunto e se essa literatura que tematiza o 25 de Abril interessa ao leitor de hoje.**

Bem a propósito desses questionamentos é que, dentre outras publicações alusivas à data, vejo a coleção *Caminho de Abril*, recentemente lançada pela Editora Caminho, em comemoração ao aniversário dos Cravos de Abril. Apresenta onze títulos, dez ficcionais e um álbum fotográfico. Os autores que integram a coleção são oito portugueses (Alexandre Pinheiro Torres, Alice Vieira, Almeida Faria, Carlos Brito, Manuel Alegre, Maria Isabel Barreno, Mário de Carvalho e Urbano Tavares Rodrigues) e três lusófonos (o brasileiro Sebastião Salgado, o caboverdiano Germano Almeida e o moçambicano Mia Couto). São, todos eles, escritores que vivenciaram o processo revolucionário, portugueses ou filhos das ex-colônias.

A revisitação é ao mais vivo, impressionante ou instigante guardado na memória sobre o tema. A proposta é literária mas, a partir da literatura, para o lançamento da referida Coleção, conforme registrou o JL (07/ 4/ 99), a comunicação ao público se fez por várias linguagens: teatro, cinema, música, fotografia. Os textos foram lidos, por Diogo Dória; as cenas da peça de Almeida Faria foram representadas, pela companhia Trigo Limpo; foram exibidas seqüências do filme de Luis Felipe Costa sobre o livro de Mário de Carvalho. Manuel Alegre cantou poemas de Saramago (embora o prêmio Nobel não tenha integrado a Coleção).

Apegados à memória do vivenciado, esses autores, que revisitaram o 25 de Abril vinte e cinco anos depois, escreveram os seus textos com um objetivo comum: em referência ao tempo anteriormente vivido, fazer ver aos mais novos a importância da revolução. Para isso, uns voltam-se ao passado e, por outros focos temáticos, relembram aquela época (Alexandre Pinheiro Torres); ou aprofundam personagens antes referidas e retomadas (Almeida Faria) ou, ainda, lembram experiências vivenciadas no tempo da ditadura, como: a situação de submissão das mulheres (Isabel Barreno), ou prisão (Manuel Alegre) e fuga, às vezes acontecida na culminância do dia tão esperado (Carlos Brito, Mário de Carvalho). Outros, prendem-se ao espanto da liberdade dos primeiros momentos do 25 de Abril (Urbano Tavares). Os africanos apresentam a visão e o sentimento do ex-colonizado (Germano Almeida, Mia Couto) em lembrança do dia D e do que representou para o seu país; a certeza de que por si só ele não bastou porque a descolonização foi outro processo. O brasileiro apresenta tomadas fotográficas daqueles tempos. Finalmente, fazendo um percurso dos vários momentos do processo, Alice Vieira concebe várias vozes, vivendo o agora; vozes que retomam o 25 de Abril, enfatizando os ganhos que trouxe à vida quotidiana, em relação à liberdade e aos

costumes .

Ao trazer o passado a este presente, outro tipo de relação com o passado se constrói. A sua presentificação é forma de aprofundamento e, principalmente, forma de questionamento do presente. Talvez a maneira possível de, indagando, buscar esclarecer tantas perguntas ainda sem respostas. Talvez a forma de descongelar algumas respostas retidas na memória dos que vivenciaram aquele tempo. Não parece se tratar de recuperar um passado petrificado, mas de resgatar outros focos vivenciados por heróis e anti-heróis, protagonistas daquele então. Daqueles que, passados 25 anos, têm guardado na memória sentimentos e experiências. A revisitação justifica-se até para explicar um presente que traz ressonâncias de vivências, de silêncios, de falas ensurdecidas, de gestos não completados...

Particularmente, os textos publicados nestes 25 anos de Abril parecem trazer marcas autobiográficas. Esses escritores que têm o compromisso de não deixar se apagar a história, evidenciam o papel do intelectual no processo político de uma sociedade, ele interlocutor dessa sociedade. Essas obras oportunizam a redimensão de um presente tanto em relação ao passado, quanto pelo distanciamento que permite um foco diferenciado da percepção imediata. Aspectos aparentemente banais ficcionalizados, mais do que uma informação sobre o passado ou um contacto tranquilizador, provocam no leitor uma ação questionadora. Sim, porque o artista não dá respostas; ele provoca perguntas.

Estará contido no ímpeto português o velho sentimento dos brazões assinalados da gente que cruzou a Taprobana?
A propósito da razão porque escrever, os escritores manifestam-se. Além do sentimento geral referido, há também uma preocupação política e, antes de tudo, histórica, como a manifestada por Alexandre Pinheiro Torre e reafirmada por Carlos Brito, que declara a sua intenção: "que a ficção contribua para contrariar eficazmente as insistentes campanhas de branqueamento da ditadura fascista e para dar todo o valor ao bem supremo da liberdade" (JL, 7/4/99: 18). Assim, o resgate da história pela literatura é também a forma de assegurar o discurso não oficial. Pois, como diz o poeta José Delmo, "se não vigiarmos a vida eles escreverão a história e o futuro poderá neles acreditar" (in: Simões, 1987: 56). Daí uma inquestionável razão de se escrever outra vez sobre o assunto, se se quer que a história não se apague ou que os seus heróis não sejam esquecidos. Exemplo disso, são as opiniões recolhidas pelos jornalistas António de Susa Duarte e João Pedro Serafim, em *Confissões do 25 de Abril* (1999).

Lendo os referidos textos mais recentes que falam sobre o 25 de Abril, outras perguntas afloram. Haverá na voz dos ex-colonizados revelações próprias do anti-heroi? Para o moçambicano Mia Couto, " o verdadeiro final da dominação colonial

só ocorreu, um ano mais tarde, a 25 de junho de 1975. Esse é que é o nosso vinte e cinco", afirma ele no referido J.L. (7/4/99: 24). E abre o seu livro *Vinte e Zinco* com uma epígrafe, que é a fala da adivinhadora Jessumina: "Vinte e cinco é para vocês que vivem nos bairros de cimento. Para nós, negros pobres que vivemos na madeira e zinco, o nosso dia ainda está por vir" (Couto, 1999: 12). Já o caboverdiano Germano Almeida, que confessa "ter imenso carinho pelos homens que fizeram o 25 de Abril" (JL 7/4/99: 19), no seu livro, brinca com datas históricas ou as entrelaça com acontecimentos pessoais: "No dia 25 de Abril de cada ano faço sempre duas saúdes: a primeira àqueles que ficaram na História como *Os Capitães de Abril*; a segunda à Suzana" (Almeida, 1999: 191). Ainda, o brasileiro Sebastião Salgado, através do registro fotográfico em *Um Fotógrafo em Abril*, por essa outra linguagem (a fotográfica) faz ressurgir momentos de medo, tristeza, espanto relacionados à revolução. São vinte e cinco tomadas de Lisboa, Alentejo, Luanda, Lourenço Marques, principalmente. Que flagram cenas da reforma agrária, das lutas dos trabalhadores, de manifestações populares, de lutas pela independência das colônias africanas.

A história, influenciando a literatura, tem alimentado o imaginário com os tempos vivenciados na ditadura. Depois do 25 de Abril, como se sabe, passou-se a dizer tudo o que ficou por tão longo tempo contido. Dessa forma, a tensão entre o discurso da verdade histórica e a verdade do discurso literário, espaço do imaginário, revelou-se, ficcionalmente, nos anos seguintes. A postura autoral gradativamente descontraiu-se e a expressão foi-se tornando mais leve, à proporção que o sentimento de liberdade foi-se internalizando. Mudaram-se os tempos e mudou-se a história; o discurso ficcional e o propósito artístico também mudaram. Apesar disso, persistiu a revisitação ao processo revolucionário (antes e depois), como foi apontado. Porém, cada vez mais, a literatura tem ultrapassado a proposta de linguagem fragmentada e hermética, de invenção verbal, para outra onde não há excessos e há o deslocamento do centro de interesse para o processo de comunicação.

Chegados à literatura produzida hoje, o interesse pela comunicabilidade é percebido fortemente. Exemplo disso é a linguagem de Alice Vieira, em *Vinte e cinco a sete vozes*. Inserida no Portugal às portas do terceiro milênio, escreve para aqueles que têm o olhar virado para a frente, para quem 1974 é um tempo muito antigo, quando incompreensivelmente podia-se viver, como afirma ao JL: "sem telemóvel, sem internet, sem fax, sem micro-ondas, sem discotecas, sem telenovelas" (7/4/99: 16). Procurando escrever aos mais jovens, como mesmo afirma ao referido jornal, Alice Vieira o faz utilizando uma linguagem que é contemporânea dos seus pretensos leitores. São expressões e gírias que aliciam os leitores a uma interação temporal "para levá-los a entender o que representou o 25 de Abril através da aparente banalidade do quotidiano que se vivia até 1974" (idem).

Nesse seu texto, a linguagem é despojada, jovial, ágil. São sete vozes que respondem a uma entrevista sobre o 25 de Abril, de uma estudante de mestrado. O texto procura evidenciar a linguagem dos jovens, com os seus vícios, com a sua gíria:

> Bruto gravador, minha! Isso é para quê? Para um trabalho que queres fazer? Desculpa lá, mas tu não tens assim muita idade para andares na escola. Para uma pesquisa? Uma tese? Usas palavras bué de finas. A minha setôra de Português ia gostar de te ouvir! Mas afinal a pesquisa é sobre o quê? O nosso conhecimento sobre o 25 de Abril? Ihhh! Cá meu, aviso-te já, é muita pequenino. Comigo não de safas. (Vieira, 1999: 9)

Através das entrevistas com pessoas de idades, profissões e condição social diversas, Alice Vieira vai esclarecendo coisas, apontando situação cultural de um tempo sem liberdade onde havia "pancadaria dia sim dia sim" (idem: 31). Contrapõe esse passado com o ambiente familiar onde a vida privada é invadida pela TV, pelas novelas e pelas trivialidades...

De modo geral, também os demais textos da referida Coleção são curtos e envolvidos por certo tom de humor, que empresta *leveza* aos temas pesados como prisão, opressão, guerra. Em *Apuros de um pessimista em fuga*, quando Mário Carvalho fala de um prisioneiro político em meio à angústia de encontrar o contato libertador, há a situação irônica de a revolução ocorrer no mesmo momento do encontro marcado para a fuga: "Ninguém. O meu contacto faltou. Não há lugar para dúvidas: o dia, a hora, o local, tudo era claro, inequívoco. Quinta-feira, vinte e cinco de Abril, às sete da manhã, junto à cabina telefônica" (Carvalho, 1999: 78). A data libertadora, ironicamente, não fica conhecida para o personagem, mas fica posta para o leitor.

Urbano Tavares Rodrigues, em *O Dia Último e o Primeiro*, ao relatar uma exaqueca com a qual Alexandre atravessou a madrugada do 25 de Abril, em meio às náuseas, é surpreendido pela notícia: "Duas da madrugada. Que ouço eu neste rádio?! A *Grândola*, do Zeca Afonso? Terei escutado bem? Mas é mesmo verdade" (Rodrigues, 1999: 16). A alegria foi maior do que a dor. "Acabou-se a noite de proibições [...] Até a minha chaga por cicatrizar lateja nalguma esperança que não sei. Lambo essa dor em plena luz." (idem, 35). A dor, a náusea podem também ser lidas em sentido metafórico como a dor de um povo. A luz da manhã anuncia a expectativa do porvir.

Como se constata (pois já mencionei), os textos agora são mais curtos e leves. O conto *Uma Carga de Cavalaria*, de Manuel Alegre é também exemplo disso. Aborda o *peso* de uma prisão, ocorrida em 1963, através da *leveza* de um relato pelo viés do humor. Embora o foco situe-se dez anos antes do 25 de Abril, esse texto escrito em 1999 tem a força do seu discurso na expressão do humor que é, a um só tempo, trágico e cômico: "devia vir de branco, de espada e a cavalo, porque

Vossa Senhoria, meu Capitão, vem prender um poeta e um poeta só pode ser preso assim: por um oficial de cavalaria que não venha disfarçado de pide." (Alegre, 1999: 12). Evidencia a importância e o poder da palavra do poeta enquanto senhor da palavra: "fazemos do jipe um cavalo branco, tenho esse poder, o poder das metáforas, posso transformar um jipe num cavalo branco, infelizmente não posso fazer de si, assim vestido, um oficial de cavalaria"(idem, 17). Porém, mais que um texto de humor, o quê a leitura ressalta é a importância da liberdade conquistada.

E outras perguntas me assaltam: **Como se processa a ação do tempo sobre a memória que alimenta o imaginário? Que levaria um autor a retomar um tema ficcionalizado 25 anos antes? A ação do tempo terá agido sobre as vivências? A névoa que a distância temporal proporciona fará ver as coisas de outro jeito?**

Com o passar dos anos, fatalmente ocorre o afastamento necessário ao relato sereno e reflexivo. A ficção faz desse distanciamento, por vezes, tema; por vezes, redimensionamento da linguagem, ou do espaço; por vezes, ainda, processo estrutural. As reflexões sobre o fato, já distante, oportunizam o amadurecimento do autor.

É sabido que a repressão fascista que promovera a inibição da produção ficcional é responsável pela consequente falta de registro e perda da memória de um tempo que não se podem recuperar. As *vivências* daquela época, no entanto, povoam o imaginário da geração que vivenciou aquele momento e, nesses anos noventa, convive com outra geração que desconhece aquele tempo. O nunca escrito, embora sonhado, vem surgindo gradativamente, depois do Abril de 1974, em obras que revisitam aquele tempo, afinal possível a uma ficção sem censura. É como quando Alexandre Pinheiro Torres, em *Amor, só amor, tudo amor*, revê a história nos seus aspectos mais pessoais e, focando valores e medos, fala de amores homossexuais, enquanto ocorre o 25 de Abril:

> Afonso, mesmo agora certo disso, deixou que o seu corpo se chocasse com o de Jaime. As suas bocas colaram-se, mas uma das mãos de cada um erguia uma bandeira portuguesa ao alto, e, agora, viam com olhos de água salgada, que as bandeiras eram, na verdade, a própria Justiça, o canto solar dentro do galo da Liberdade e do Amor. (Torres, 1999: 83)

A televisão, os jornais, o cinema podem informar sobre ocorrências, podem contribuir para a sustentação da memória; mas a memória da alma de um povo só quem a registra é a literatura. Anteriormente, João de Melo, falando sobre o seu livro *Bem-Aventuranças,* observou a importância de registrar a *memória interior,* dizendo que esse "reconhecimento da espiritualidade passa pela observação da literatura que os escritores estão a fazer". Disse ainda que "à parte os temas que acompanham a transição do país escuro para o país luminoso, da ditadura para a democracia, há

outras travessias secundárias". Em *Bem-Aventuranças,* faz isso "pelo lado da memória e, outras vezes, pelo questionamento do esquecimento" (Mello, 1992: 9), acrescenta.

Assim é que os autores que vivenciaram a revolução na década de 60 e 70, vinte e cinco anos depois, certamente, terão algo mais a dizer: seja por foco diferenciado, seja por lembrarem outras coisas sobre fatos antes contados, seja por lembrarem de fatos guardados e nunca antes revelados... Ao longo do tempo, algo muda no foco desses mesmos temas: é a relação do autor com eles. Seja porque o momento de angústia está distante, seja porque o escritor está hoje inserido e imbuído por novos apelos da linguagem, seja porque o momento histórico tem a comunicação como palavra de ordem. Seja por tudo isso e por mais. O fato é que os textos produzidos em 1999, respeitadas as suas diferenças autorais, têm em comum a contenção, a clareza da linguagem, o humor implícito ou explicitado, a ironia leve. A *leveza* da linguagem para a abordagem de temas tão graves; a rapidez garantida na economia dos adjetivos, na contenção do relato, e no tempo circunscrito; o foco assumido de forma direta. Esses expedientes, certamente, são a chave para conquistar os jovens leitores a que eles se destinam.

Mas terão eco, hoje, os temas da guerra colonial, as agitações dos estudantes, a censura e repressão da ditadura, a situação de submissão da mulher, as questões agrárias, o medo? Terão interesse para o leitor atual, depois de 25 anos passados? Qual a expectativa de quem lê sobre o assunto?

Neste novo tempo de liberdade, a postura receptiva assumiu a curiosidade de visitação a tempos somente referidos em reflexão do passado e sua relação com o presente. A linguagem hermética, fragmentada, pesada, como se vê, tem outro sentido para esse leitor do pós 25 Abril: é indicadora da opressão de um tempo, é indicadora de um discurso de uma época. O leitor desses tempos mais recentes, busca formas mais comunicativas de leituras.

Se por um lado, a literatura é influenciada pela história e, por outro, influencia-a, pensando nos livros que têm tematizado o 25 de Abril, pergunto o que disseram os livros escritos nos anos sessenta e setenta e o que esses mesmos livros dizem hoje e dirão amanhã, ou daqui a dez anos? Nesse caso, a questão que se põe é sobre a ação da obra na sociedade, enquanto objeto lido por vários leitores.
Para que lemos? para conhecer? para lembrar? para esquecer? Será realmente esse o *efeito* esperado da leitura de uma obra ficcional: não permitir o esquecimento da História?

Uma leitura deixa sempre alguma marca. A ambiguidade literária, que esconde e evidencia idéias, sentimentos e discursos, garante a permanência da literatura.

Pode-se perder a seqüência dos fatos narrados, talvez certas imagens, mas alguma coisa permanece na lembrança e desafia o tempo. As experiências de uma leitura sobre o 25 de Abril retêm, quando nada, uma cena de morte num campo de guerra, ou o medo da censura ante um texto mais denunciador, ou a submissão de uma mulher numa sociedade machista, ou a luta pela terra do Alentejo; detalhes, cenas, personagens, diálogos...

Com esses detalhes retidos na memória - provocadores do prazer, estranhamento, angústia, felicidade, deleite, temor - resgatamos ou renovamos experiências de leituras. Assim, quando comparamos ou citamos, ativamos lembranças do que lemos. Textos presentificam-se em outros textos e outras experiências quando voltamos a ler e lembramos como e o quê lemos.

Quase todos os que lêem sobre o 25 de Abril, vivenciaram a época ou ouviram falar dela, pois que é um tempo ainda próximo. Então, **o quê a leitura de um texto que tematiza o assunto provoca no leitor? Se a ficção atua em nossa memória, como o faz?**

Carlos Brito, em *Vale a pena ter esperanças*, calca o seu relato numa situação verídica, como ele próprio afirma (JL, 7/4/99). Memória. É a história de um grevista, perseguido pela PIDE/DGS, prestes a evadir-se de Portugal, entretanto surpreendido pelo 25 de Abril, notícia que lhe chega quando está prestes atravessar a fronteira. Militante, inseguro do sucesso do movimento revolucionário, já não suportando a perseguição, quase deixa Portugal. Muitas das práticas repressivas da ditadura são trazidas para o conhecimento do leitor através das lembranças do perseguido político numa noite de insônia: "ele ali estava na fornalha daquela cama, entre gente estranha, num sítio desconhecido, a caminho não sabia de quê e a pensar angustiado na mulher e no filho de quem se ia distanciando cada vez mais, sabe-se lá até onde..." (Brito, 1999: 14).

Certamente se não tivesse havido a repressão e a ditadura esse texto ficcional não teria sido produzido, porque não haveria a memória dele. É a perseguição política focada através da angústia de um fugitivo. As torturas são pressentidas no medo, na insônia, na repetição da imprestabilidade do colchão da pensão: "De nada lhe valia invectivar o colchão de lã ou desculpar-se resmungando: quem é que pode cá ficar se a puta da ditadura nunca mais cai?!" (idem, 45). Se produzir o texto é recordar a perseguição histórica, enquanto processo de leitura é, além disso, tomar da memória os fragmentos de outras leituras antes realizadas que trazem à tona sensações e sentimentos. Como exemplo, ao ler Carlos Brito, relembro *A Noite e o Riso,* romance de tonalidade autobiográfica, onde Nuno Bragança confessa "horrores de prisioneiro sem escapatória à mão, mas precisando de sair de Portugal-prisão para reencontrar-se" (Bragança, 1969: 95). O registro histórico passa pela vivência,

ressalta angústias e medos, memória de um imaginário que interpreta a história.

Da mesma forma, quando me deparo com as personagens Moisés e Piedade em *A Reviravolta*, de Almeida Faria, não posso deixar de me reportar a *A Paixão,* (ou *Cortes*, ou *Lusitânia* ou *Cavaleiro Andante*) , onde habitam essas personagens do mesmo autor. A retomada em 1999 de personagens criadas em 1965 é sintomática pelo aprofundamento das mesmas. Aliás, o próprio autor declara o seu sentimento de que antes "não chegara ao fundo da questão" (JL, 7/4/99: 17). O foco do Alentejo e suas questões agrárias povoavam o texto escrito em 1965 (e aqui reporto-mo a esse primeiro da saga lusitana, mais centrado na personagem João Carlos, o ideólogo, quando insinuava a utopia revolucionária). A estrutura familiar patriarcal de uma época é revelada, nesse romance primeiro, nas relações e reações entre pai e filhos, marido e mulher, patrão e empregados; em síntese, entre senhor do latifúndio e dependentes; um tempo de medo gerado pela opressão da ditadura, quando quase não há fala, só pensar, reflexão e protesto mudo. Já agora, nesse texto de 1999, a proposta não é mais de um romance fragmentado, mas de texto para teatro, leve na sua forma, musical, apesar de melancólico. Em torno do acontecimento da revolução, as personagens Moisés e Piedade são o foco, embora haja também a presença de Marina e André. Aspectos antes somente percebidos nas entrelinhas, tomam corpo neste texto de 1999, inclusive pelo privilégio outorgado ao anti-herói, à sua perspectiva, antes não explorada. Liberdade (sentimento contido em palavras de ordem àquela época) é o sentido que move o texto atual e, inclusive, propõe o encerramento do espetáculo, já que deverá ser palavra repetida "enquanto houver um espectador na sala" (Faria, 1999: 109).

Outro tema revisitado por quem vivenciou a ditadura e escreveu sobre ela é o da condição da mulher na sociedade. Quando, numa sociedade patriarcal e machista, Maria Isabel Barreno escreveu *De Noite as Árvores são Negras,* em 1968, dizia em longo monólogo sobre as convenções sociais onde a mulher é objeto de prazer sexual e pertence do homem; pensa, pela boca da sua personagem, que "a sociedade quer que tu fiques quietinha, que te cases, que tenhas meninos e não faças barulho" (Barreno, 1968:145). Retomando o tema em 1999, reporta-se à época, entretando buscando dar *leveza* à linguagem, inclusive tendo atenção com a *rapidez* do texto, declarando o cuidado em não abusar de detalhes "que não serão aqui recordados, para não alongar indefinidamente este relato com muitas raízes no tempo" (Barreno, 1999: 10). O foco é do passado, mas a linguagem deixa claro que esse é um tempo revisitado: "Onde começa uma história, perguntava ela a si própria, onde estão as raízes todas do que aconteceu hoje?" (idem, 52). Apesar de as mulheres já não serem tão submissas, o que não parece ter mudado é o olhar machista do homem e da sociedade sobre ela: "o esposo deve em tudo ser superior à respectiva consorte, incluindo na idade e na altura, se não como poderá ele fazer-se respeitar como chefe de família?" ou "é bem certo que as mulheres são

completamente ilógicas"(idem). Procurando reviver os tempos da ditadura (embora em estilo pós), Barreno demonstra e, aliás, declara no já referido JL de 7/4, que considera o 25 de Abril "o ato libertador fundamental" (JL, 7/4/99).

Esses textos necessariamente não trazem todas as sinalizações para a sua compreensão; mas provocam indagações e necessitam da história para construir uma resposta. Provocam, por meio de perguntas abertas, perguntas de seu tempo. Daí que ler poderá ser a chave das perguntas que garantem a historicidade de um texto. Se, como foi dito, o artista não procura respostas e, sim, perguntas, cabe ao leitor identificá-las. O autor não explica, mas cria focos, segundo as suas vivências, concretizando o imaginário através de estruturação, linguagem, sentido.

Os textos escritos numa época deixam suas marcas. Assim é que para ignorá-los é preciso apagá-los. Mas o quê resiste num texto? O que fica indelével no leitor? Certamente que os leitores dos textos escritos sobre a repressão, o medo, a guerra, têm marcas inapagáveis: é o *efeito*[4] do texto sobre o leitor. Por isso, passados tantos anos, aqueles textos continuam a falar sem parar. Outros surgem e falam de outras maneiras, talvez mais comunicativas, talvez mais...

Dessa forma, se o discurso oficial não contribui para preservar a memória, outros discursos ficcionais são portadores do passado. Daí a razão leitora dos textos desses 25 anos de revolução. A literatura persiste em preservar a memória de um tempo. Isto porque, para esquecê-la, seria necessário um processo duplo de esquecimento: primeiro, esquecer o que aconteceu a cada um dos escritores que vivenciaram o fato; segundo, o quê a literatura elaborou. Não quero dizer com isto que as sociedades possam viver indefinidamente numa lembrança, em sua repetição perfeita. Mas pretendo afirmar, sim, que o quê se viveu e escreveu não pode ser completamente olvidado. Temas revisitados. Situações lembradas, projetadas. A guerra, a censura, a repressão, o medo, a submissão. Resgate histórico de um trajeto de sofrimento e luta.

Assim é que hoje, ao tomarmos os novos textos sobre o 25 de Abril, fazemos a ponte com outros já lidos; comparamos discursos e abordagens, de certa forma iluminamos textos mais recentes com os detalhes retidos na lembrança de outros textos outrora lidos: seja através de uma sensação de liberdade, da consciência da força da palavra como arma, no desajuste de um ex-colonizado, na participação da mulher na sociedade, no sentimento de um homem da terra. Os escritores que vivenciaram um tempo escreveram antes e retomam o tema outra vez, esses, às vezes, reiteram o antes contado ou desfocam, transformam, ou mesmo contam algo antes não contado. E a leitura nos contagia, a nós leitores, a ponto de contagiar o nosso próprio discurso, e repovoar o nosso imaginário e povoar o imaginário dos leitores mais novos. Não será essa a razão política que move a retomada do tema,

razão essa aliás insinuada pelos próprios escritores convidados pela Editora Caminho para a referida edição comemorativa? Não será mesmo, esse, um dos papéis do intelectual do 25 de Abril: o de não deixar apagar a memória da revolução?

Então se, leitores, somos tomados de assalto, independentemente de um desejo consciente, é que a literatura paradoxalmente provoca uma sua inclusão na vida e ao mesmo tempo necessita dela. A ambiguidade, que garante a especificidade ficcional, dá asas a essa ficção para que fale simbolicamente, para que seja incômoda, para que escandalize, para que questione valores e, até, para que se ocupe de envolvimentos históricos e versões do acontecido. Permite-lhe denunciar, blasfemar, ironizar, falar sem dizer. Tudo isso porque não tem compromisso com verdades estabelecidas ou saberes consagrados. A sua irreverência garante a sua autonomia e faz com que a História não fique esquecida. Ainda bem que existe o artista...

Notas

1. Ocupei-me desse assunto em *As Razões do Imaginário,* 1998.
2. No sentido que lhe confere Calvino, 1988. No mesmo sentido utilizo, aqui, as categorias de *peso, rapidez, visibilidade* e *exatidão*.
3. Ocupei-me desse assunto em *Caminhos da Ficção* (1996), em relação a textos produzidos na década de oitenta e início de 1990.
4. O impacto do texto sobre o leitor, segundo e entendimento de Iser, 1976.

Referências Bibliográficas

ALEGRE, Manuel. *Uma Carga de Cavalaria*. Lisboa: Caminho, 1999. Col. Caminho de Abril.

ALMEIDA FARIA. A Reviravolta. Lisboa: Caminho, 1999. Col. Caminho de Abril.

_____. (1965) *A Paixão*. 8ed. Lisboa: Caminho, 1991.

ALMEIDA, Germano. *Dona Pura e os Camaradas de Abril*. Lisboa: Caminho, 1999. Col. Caminho de Abril.

BARRENO, Maria Isabel. (1968) *De noite as árvores são negras*, 2ed., Póvoa de Varzim, Europa-América, 1972.

_____. *Crónica do Tempo*. Lisboa: Caminho, 1990.

_____ *As Vésperas Esquecidas*. Lisboa: Caminho, 1999. Col. Caminho de Abril.

BRAGANÇA, Nuno. *A Noite e o Riso*, Lisboa: Moraes, Círculo de Leitores, 1969.

BRITO, Carlos. Vale a Pena Ter Esperança. Lisboa: Caminho, 1999. Col. Caminho de Abril.

CALVINO, Italo. (1988) *Seis Propostas* para o *Próximo Milênio: lições americanas.* trad de Ivo Barroso. São Paulo: Schwarcz,1991.

CARVALHO, Mário de. *Apuros de um Pessimista em Fuga*. Lisboa: Caminho, 1999. Col. Caminho de Abril.

COUTO, Mia. *Vinte e Zinco*. Lisboa: Caminho, 1999. Col. Caminho de Abril.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO 25 DE ABRIL

DELMO, José. Testemunho. In: SIMÔES, Maria de Lourdes Netto, org. *Poetas Novos da Região Cacaueira.* Brasília: Horizonte, 1987.

DUARTE, António Susa; SERAFIM, João Pedro. *Confissões do 25 de Abril*. Lisboa: Ancora, 1999.

ISER, Wolfgang. (1976) *El Acto de Leer. Teoría del Efecto Estético*. trad. de J. A. Gimbernat; Manuel Barbeito. Madrid: Taurus, 1987.

J.L. Jornal de Letras, Artes e Idéias. Lisboa: 7 a 20 de Abril de 1999.

MELO, João de. Entrevista com Maria Leonor Nunes. In: J.L. Lisboa, n. 504, 3 mar 1992.

VIEIRA, Alice. *Vinte Cinco a Sete Vezes*. Lisboa: Caminho, 1999. Col. Caminho de Abril.

RODRIGUES, Urbano Tavares. *O Dia Último e o Primeiro*. Lisboa: Caminho, 1999. Col. Caminho de Abril.

SALGADO, Sebastião. *Um Fotógrafo em Abril*. Lisboa: Caminho, 1999.

SILVA, Rodrigues da. Todos Foram Vencidos, in: J.L. Lisboa, 19 de maio de 1999.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto, org. *Novos Poetas da Região Cacaueira.* Brasília: Horizonte, 1987.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. *Caminhos da Ficção*. Salvador: Fund. Cultural/ EGBA, 1996.

_____. *As Razões do Imaginário*. Salvador: FCJA; Ilhéus: Editus, 1998.

SPÍNOLA, António de. P*ortugal e o Futuro*, 2ed., Lisboa: Arcádia, 1974.

TORRES, Alexandre Pinheiro. *Amor, só Amor, Tudo Amor*. Lisboa: Caminho, 1999. Col. Caminho de Abril.

*** Texto revisto do publicado com o título de "25 de Abril 25 anos depois". *JL - Letras e Idéias.* Lisboa, 27 ago a 7 set, 1999. p37 a 39.**

****Professora Titular no Departamento de Letras e Artes da UESC. Ilhéus-Bahia-Brasil.**
e-mail: htsimoes@hotmail.com